



Área externa do MuBe
com a instalação
Ainozama, de Fernando
Limberger (2018), em
primeiro plano

ARTISTA NA EXPEDIÇÃO, BIÓLOGO NO MUSEU

Mostra

Amazônia: Os novos viajantes, em São Paulo, aproxima arte e ciência

Maria Guimarães

Uma opção por ampliar o alcance da descoberta científica levou a bióloga Lúcia Lohmann, em 2016, a convidar profissionais com novos olhares para integrar uma expedição à Amazônia. Enquanto ela e sua equipe percorriam os rios Negro e Branco coletando plantas para investigar a história evolutiva das espécies, a artista plástica portuguesa Gabriela Albergaria, o cineasta Gustavo Almeida e o fotógrafo Léo Ramos Chaves, integrante da equipe de *Pesquisa FAPESP*, faziam seus registros. Depois disso, outro encontro – com o filósofo Cauê Alves, curador-geral do Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), de São Paulo – culminou na exposição inaugurada em 12 de maio, com curadoria de ambos. *Amazônia: Os novos viajantes* fica em cartaz até 29 de julho e traça um caminho entre os exploradores do século XIX e as viagens atuais. Também traz de volta a vocação inicial de ser um museu dedicado à ecologia, em paralelo à arte.

A distância entre os livros repletos de ilustrações deslumbrantes dos naturalistas antigos e os artigos científicos do grupo de Lúcia, professora no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP), parece infinita. Mas viajantes como





mados sobre areia vermelha do artista plástico Fernando Limberger. Ao longo do tempo, sementes escondidas na areia germinam e emergem as folhas verdíssimas do capim braquiária, especialista em recolonizar áreas devastadas. “Já a estufa de Alberto Baraya com plantas de plástico nos lembra que grande parte do que preservamos se torna artificial”, comenta a cocuradora e bióloga. Para ela, causa um desconforto essencial.

Gabriela Albergaria, que integrou a expedição, participa com duas obras. Uma delas é uma paleta de cores que recolheu acompanhando o trabalho de campo e buscando adaptar o olhar à mata cerrada. “A ideia era encontrar as espécies de trepadeiras que vivem nas copas das árvores. Por isso se fez a viagem durante as cheias dos rios Negro e Branco”, conta, demonstrando uma atenção aos aspectos e processos científicos que alimentaram seu trabalho. “As saídas eram tudo menos contemplativas, e no início eu não entendia como distinguir uma planta de outra no meio daquela amálgama de folhas e plantas verdes; no final já conseguia distinguir algumas.”

Ela instalou um estúdio no barco em uma mesa na cozinha onde catalogava cores e registros, enquanto no segundo piso os pesquisadores organizavam o material coletado em um laboratório improvisado. “A preparação das plantas para retirada de DNA é totalmente diferente de fazer um herbário, em que o material é seco e prensado entre folhas de jornal com cuidado para manter a forma. Para o estudo do DNA e da anatomia, a forma é completamente desnecessária, o que interessa são mínimos pedaços colocados em saquinhos de chá ou em um líquido dentro de uns frasquinhos, quase alquimia. Entrou, para mim, no nível da

os alemães Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e Johann Baptist von Spix (1781-1826), por exemplo, estabeleceram as bases para muita pesquisa com um levantamento de espécies de plantas e a elaboração de mapas, entre outras contribuições. “Hoje precisamos de Waze para ir até a esquina”, brinca Alves. “Mas temos na exposição um mapa da Amazônia feito por Martius e Spix, sem recursos tecnológicos, que é muito semelhante ao que se conhece hoje.”

Lúcia e Alves reuniram um diverso acervo artístico contemporâneo sobre a Amazônia, que vai desde meados do século XX até obras feitas especialmente para a mostra, como os troncos quei-

O barco destruído de Maurício Adinolfi (*Estorvo escorbuto*, 2018) foi feito para a exposição

Jovens examinam publicações do século XIX diante do vídeo *Vai que vai*, de Ana Paula Oliveira (2015)





Equipamento de prensagem e armazenamento de material coletado registrado em fotos de Léo Ramos Chaves: *Série prensa, Série coleta e Infusão* (2016)

A exposição traz de volta a vocação inicial do MuBE de ser dedicado à ecologia, em paralelo à arte

fantasia. Do encantamento”, relembra a portuguesa. “A presença dos artistas nos fez pensar de outra maneira sobre o trabalho e seu significado”, conta Lúcia. “Eles questionam de uma maneira que não estamos acostumados.”

Enquanto o vídeo produzido por Gustavo Almeida durante a viagem é projetado em uma parede, o visitante passeia pelo mundo da ciência. “Apesar da longa idade da floresta Amazônica, estamos descobrindo que muitas das espécies hoje viventes nesse bioma são, na verdade, mais recentes do que se pensava”, pondera Lúcia. Os vários e complexos resultados dessa pesquisa, representados nos artigos científicos expostos, não chegam a estar integrados na mostra.

Em outro paralelo entre arte e ciência, as delicadas e coloridas aquarelas

de flores feitas pela inglesa Margaret Mee (1909-1988) entre os anos 1950 e 1980 convivem com precisas ilustrações botânicas em nanquim desenhadas por Barbara Alongi e Klei Sousa para documentar espécies descritas por Lúcia e seus alunos. “A necessidade de representação é muito importante em todos os estudos científicos. Esse é um ponto de comunicação essencial entre arte e ciência”, reflete Gabriela. A outra obra de sua autoria incluída na mostra é uma árvore transformada em cubos de tamanhos crescentes – ou decrescentes. “É geométrico, racional, contido”, descreve Cauê Alves. “Representa a arte e a ciência, o orgânico e o inorgânico.”

Lúcia avalia que a exposição chama a atenção do público para a Amazônia. Ao mesmo tempo, pesquisadores percebe-

ram que precisam se movimentar para divulgar seu trabalho para não especialistas. Alves celebra a presença, antes rara, de biólogos entre os visitantes. “É uma oportunidade de mostrar o museu também como lugar de pesquisa”, diz.

Restabelecer o projeto inicial – ser um museu de escultura e ecologia foi a condição imposta para a concessão do terreno pela prefeitura em 1986 – também valoriza o prédio projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, assim como o jardim, desenhado pelo paisagista Roberto Burle Marx. “O teto recolhe água e direciona para uma cisterna que alimenta os espelhos d’água”, ressalta Alves. É um exemplo de atenção à questão ambiental, para a qual o curador também pretende chamar a atenção do público. “É o problema mais urgente que temos para resolver no mundo agora.” ■

Amazônia: Os novos viajantes

Terça a domingo, das 10h às 18h, até 29 de julho
Rua Alemanha, 221, São Paulo.

Projeto

Estruturação e evolução da biota amazônica e seu ambiente: Uma abordagem integrativa (nº 12/50260-6); **Modalidade** Programa Biota/Dimensions-NSF; **Pesquisadores responsáveis** Lúcia Lohmann (IB-USP) e Joel Cracraft (AMNH); **Investimento** R\$ 5.186.545,11.